

*Resenha*



TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.

Cláudio Pellini Vargas \*

Quais são os saberes que servem de base ao ofício de professor? Qual a natureza desses saberes? São técnicos, de ação, de habilidades adquiridas? São apenas cognitivos? São de natureza social? E quanto à subjetividade existente na relação professor/aluno? Como considerá-la e analisá-la? Enfim, essas são algumas das muitas questões que o sociólogo e filósofo canadense Maurice Tardif, da Universidade de Montreal, tenta responder ao longo de sua obra intitulada *Saberes Docentes e Formação Profissional*.

O autor inicia sua explanação de forma muito objetiva e afirma que a questão do saber docente não pode ser separada das outras dimensões do ensino, nem do estudo do trabalho realizado diariamente pelos professores de profissão. Não se pode falar do saber sem relacioná-lo com os condicionantes e com o contexto do trabalho. O saber dos professores está relacionado com a pessoa, e sua identidade, com a sua experiência de vida, com a sua história profissional, com sua relação com alunos e com os demais atores escolares.

Para fortalecer suas idéias, Tardif aponta uma série de argumentos a respeito de como este saber articula-se entre o social e o individual, e apresenta forte crítica a determinadas vertentes teóricas que insistem em considerá-lo radicalmente como cognitivo ou simplesmente como social. Para tal, insere em seu texto dois conceitos fundamentais para o entendimento do leitor, a saber: *o mentalismo e o sociologismo*.

O *mentalismo* consiste em reduzir o saber a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva do indivíduo. É uma forma de subjetivismo que coloca o saber apenas em atividades mentais. Desde a queda do behaviorismo, para o autor, essa é a forma que impera dentre os modelos educacionais. Suas variantes são: o construtivismo, o socio-construtivismo radical, a teoria do processamento da informação etc.

Já o *sociologismo* tende a eliminar a contribuição dos atores envolvidos na construção concreta do saber, tratando-o como uma produção social em si mesmo e por si mesmo. O filósofo e sociólogo afirma que, levado ao extremo, o sociologismo transforma os atores sociais em bonecos de ventríloquo<sup>1</sup>. Pouco importa o que os professores saibam dizer em relação ao seu trabalho, pois as luzes do conhecimento estão nas pesquisas em Ciências Sociais, onde os sociólogos detêm a potestade do saber. Todavia, mesmo demonstrando certa insatisfação com tal tendência, Tardif assume que o conhecimento ou o saber se assenta na idéia social, elucidando que sua existência depende também dos professores em sua prática profissional.

Para tais considerações, o autor levanta uma série de idéias que exemplificam seu pensar. Destacamos algumas: 1) o *saber* é social porque é partilhado por todo um grupo de agentes – os professores – que possuem formação, de certa forma, comum; 2) o saber é social porque repousa sobre um sistema que vem garantir sua legitimidade e orientar sua aplicação: a universidade, a administração escolar, os sindicatos, associações, conselhos, Ministério da Educação etc. Isso significa que nos ofícios e profissões não há conhecimento sem reconhecimento social; 3) o saber é social

\* Mestrando em Educação – UCP / RJ, Especialista em Psicologia do Desenvolvimento Humano – UFJF, Especialista em Fisiologia do Exercício – UGF / RJ, Professor de Educação Física do Colégio Militar de Juiz de Fora – CMJF / MG. email: prof.pellini@yahoo.com.br

porque seus objetos são sociais, isto é, práticas sociais. O professor trabalha com sujeitos em função de um projeto: transformar os alunos, educá-los e instruí-los. O saber se manifesta em relações complexas entre o professor e o aluno; 4) o saber é social porque evolui com o tempo e com as mudanças sociais. O que era bom ontem, não é, necessariamente, bom hoje. Esse saber do professor está assentado num arbitrário cultural. São construções que dependem da história de uma sociedade, de sua cultura e de seus poderes, das hierarquias da educação formal e informal; finalizando, 5) o saber é social por ser adquirido no contexto de uma socialização profissional. É adaptado em função dos momentos de uma carreira, em que o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho. Ao longo dessa carreira, ele interioriza regras de ação que se tornam parte de sua consciência prática.

Maurice Tardif discorre ainda, ao longo de sua obra, sobre os diversos modos ou formas com que o saber pode ser compreendido ou analisado. Por exemplo: *saber e trabalho*, em que o saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com seu trabalho na escola, afirmando que as relações dos professores com os saberes nunca são relações estritamente cognitivas, mas mediadas pelo trabalho que lhes fornecem princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas; *saber e diversidade*, em que o saber é plural e heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e de natureza diferente; *saber e temporalidade*, pois o saber é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional. Para Tardif, ensinar significa aprender a ensinar, a dominar progressivamente os saberes docentes ao longo do tempo. Existe uma importância das experiências familiares e escolares anteriores à formação inicial do docente. Essas experiências são muito significativas, pois o professor foi aluno por muitos anos e nesse período adquiriu crenças, representações e certezas sobre o que é ser professor: o autor ainda descreve outras relações não menos importantes.

Percebemos que um capítulo destaca-se à parte: “Os professores enquanto sujeitos do conhecimento”. No que diz respeito à subjetividade, Tardif propõe que os professores possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. São os professores que ocupam, na escola, a posição fundamental, pois são os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares. Existe história, emoção, afetividade, crença e cultura na transmissão do saber. Compreendemos, então, que existe o *inconsciente* nessa transmissão. Essa questão propõe que se pare de considerar o professor como um técnico que aplica conhecimentos produzidos por outros, ou como um agente social que aplica o conhecimento determinado por forças ou mecanismos sociológicos. São visões opostas, mas que possuem em comum a exclusão do professor. Um professor de profissão é um ator no sentido forte do termo. Um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade. O professor produz novos saberes sobre saberes anteriormente adquiridos.

Avaliamos, então, que a transmissão de saberes e a aprendizagem vão além do processo comunicativo. Para tal, deverá ocorrer a *transferência de trabalho*<sup>2</sup>, ou seja, o indivíduo recebe um conhecimento e passa a operar com aquilo que recebeu. Faz-se necessário estabelecer um novo saber sobre o que foi transmitido. Entretanto, percebemos que isso não ocorre na escola de hoje, ao contrário, a maioria dos docentes apenas contribui com a resistência dos alunos.

Muitas outras questões ainda são indicadas pelo autor. Ele observa, por exemplo, que reconhecer o professor como sujeito do conhecimento implica em reconhecer que ele tem o direito de dizer algo a respeito de sua formação. Se ele próprio participa da formação dos outros, como não poderia, junto com outros atores, ter parte do poder de determinar seus conteúdos e formas?

Como fazer com que os professores possam atuar, pelo menos em parte, no próprio currículo? Para Tardif, esse é um dos desafios educacionais dos próximos anos.

Concluindo, entendemos que Tardif sugere a necessidade de encontrarmos uma nova articulação e um novo equilíbrio entre o que se produz e o que se faz, pois, muitas vezes, os conhecimentos são produzidos em redomas sem conexões com as práticas profissionais. Levar em consideração o saber docente cotidiano permite renovar concepções a respeito da formação do professor, bem como de sua identidade e contribuição profissional.

Uma obra muito bem organizada e que delinea caminhos, que valoriza e dá força ao professor, hoje, ainda esquecido. De linguagem envolvente e simples, congruente com a proposta do autor em facilitar o acesso à produção acadêmica. O educador que adentrá-la reencontrará valores esquecidos e terá um pouco mais de esperança, no sentido de que já não tardam os dias de reconhecimento e valorização real da “profissão professor”.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Ventriloquo: diz-se de, ou aquele que sabe falar sem abrir a boca e mudando de tal modo a voz que esta parece sair de outra fonte que não ele.
- <sup>2</sup> *Psicanálise e Educação: Novos operadores de leitura*. Leny M. Mrech, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. Obra na qual verificamos uma interpretação da educação à luz da Teoria Lacaniana.

Enviado em 10 de fevereiro de 2008

Aprovado em 2 de maio de 2008

